

Depoimento resumido

Salvo pelas artes

Nasci na Rua Sarutaya, 313, no Jardim Paulista, em São Paulo, no dia 20 de setembro de 1948. Virginiano. Sou o quarto dos cinco filhos de Dinah e Carlos Lacaz, meus queridos pais: Ana Helena; Carlos Roberto, o Beto; Carlos Augusto; eu; e o Carlos Eduardo, o Nenê.

Em frente à nossa casa moravam o Luigi e a Claretta (a menina mais desejada – a única, na verdade), o Ruy Jorge, os irmãos José Ruy e Paulinho e os irmãos Bruno e Píer. Do lado de cá, o Cyro e o João Francisco. O Ruy Jorge já estava no colegial e nós, ainda no início do Ginásio, por isso ele era sempre procurado para ensinar-nos a resolver problemas de matemática. Mas o que eu gostava mais no Ruy eram seus desenhos à caneta tinteiro e os ônibus, que construía com cartolina, gilete e goma arábica. Ruy era um excêntrico, sempre de camisa social branca e calça preta. Só ouvia música clássica mas, ao contrário do que possa parecer, com tanta formalidade, Ruy era um palhaço e um mestre. Sabia tudo. Desenhar, principalmente.

Minha primeira paixão foi o desenho. Como aquelas figuras apareciam na folha em branco? Na Sarutaya, a cada estação, construíamos os brinquedos para depois brincar: rolimã, papagaio, escudo e espadas, armadilhas, caixa de engraxate, cabanas, zarabatana, taco, bondinho, balão, arco e flecha, aeromodelismo, barcos, foguetes...

Particpei de duas experiências educacionais marcantes: O Ginásio Vocacional do Liceu Eduardo Prado e a Faculdade de Arquitetura de São José dos Campos. Das quais fui a primeira turma. Entre uma e outra estudei Eletrônica Industrial.

Em 1978, estava trabalhando em fascículos de desenho mecânico para o SENAI e lá vi um cartaz que dizia: “Primeira Mostra do Móvel e do Objeto Inusitado”. Organizada por Sabina Libman, da Galeria Arte Aplicada, e pelo Paço da Artes. Tinha feito alguns trabalhos curriculares e extracurriculares durante a faculdade e não sabia muito bem o que eles eram, mas gostava deles e os guardei. Naquele momento, vi que eles poderiam ser aquilo: objetos inusitados. Eram 14 – fotografei-os e os inscrevi. Poucos dias depois, recebi ligação do pai do Ricardo van Steen, o arquiteto Ennes da Silveira, me dizendo ser membro do júri e que eu havia ganhado um dos prêmios. Era um bom prêmio em dinheiro. Foi uma grande surpresa e o início da maior iluminação profissional de minha vida. A exposição foi um sucesso. A surpresa seguinte foi a crítica feita por Olívio Tavares de Araujo na revista “Veja”.

...Para terminar com um curioso conjunto de objetos absolutamente inúteis do estreador Carlos Augusto Lacaz, cheios de bom humor e ironia, e à primeira vista sem maiores pretensões(...).

E o único participante que jogou na abertura acabou mandando os projetos mais fascinantes. São quase-brincadeiras de Carlos Augusto Lacaz, que seguem uma tradição de nonsense criada pelo vanguardista Marcel Duchamp.

Vi que ali estava aberta uma porta que eu nunca havia considerado: a de ser artista plástico. Queria ser cartunista, ilustrador, engenheiro eletrônico, arquiteto, mas artista plástico!. Como é que seria?

Neste mesmo mês estava fazendo sua primeira individual no MASP o Dudi Maia Rosa. Eu era frequentador do ateliê do Fajardo na Rua Pamplona. Um dia o Fajardo me disse: “Lacaz, vamos ver a montagem da exposição do Dudi”. Eu conhecia o Dudi só de nome e de alguns trabalhos – um deles era uma gravura do Pacaembu que achava o máximo. Para lá fomos. Lá chegando senti o primeiro grande impacto da arte da minha vida. Eram pinturas e cerâmicas com cenas cômicas. Percebi o quanto teria que estudar para ser um artista plástico! Me apaixonei por uma pintura e a comprei na hora.

Depois, pedi aulas com o Dudi, cujo ateliê frequentei por mais de um ano. Foi um ano especial, pois Fajardo, Baravelli, Boi, Guen, Flávia Ribeiro, Mario Cafiero, Javier e tantos outros para lá iam toda quinta feira. Depois, quando Julio Plaza e a Regina Silveira fundaram a ASTER, fomos todos aprender litogravura.

Bom, daí para frente comecei a conhecer mais artistas, frequentar ateliês, exposições, receber mais convites para expor e a me concentrar muito, muito mesmo, para dar uma resposta original e pessoal a cada oportunidade que aparecia. Errei muito mas acertei também.

Vejo hoje que fui salvo pelas Artes.

Guto Lacaz

4/1/10

